

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO PIBID/BIOLOGIA

Nayara Moryama, Virginia Iara de Andrade Maistro
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: A Educação Sexual é necessária no processo formativo dos jovens, mas muitos professores não estão preparados para lidar com a temática. Considerando a importância de se formar educadores sexuais e a necessidade de levar discussões e reflexões sobre sexualidade para o contexto escolar, bolsistas do curso de Ciências Biológicas, participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência(PIBID) realizaram atividades sobre sexualidade com alunos de escolas públicas. Por meio de entrevistas, buscamos compreender o que a realização dessas atividades significou para eles. Para esses licenciandos, trabalhar a Educação Sexual na escola pública representou a superação de dificuldades com a temática na prática e também colaborou na formação dos futuros professores.

PALAVRAS CHAVE: Sexualidade, PIBID, formação inicial de professores.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta resultados de uma investigação que buscou compreender o que significou para bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) a realização de atividades sobre sexualidade.

Para maior entendimento, neste trabalho, iniciaremos expondo os principais objetivos PIBID e a seguir contextualizaremos o trabalho com autores que possam referendar a nossa investigação.

Procuramos compreender o que as atividades realizadas representaram para os bolsistas e, para tanto, realizamos entrevistas com 4 deles. As transcrições destas falas foram organizadas e analisadas à luz da análise de conteúdo e da análise textual discursiva.

O PIBID

O projeto PIBID é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Governo Federal do Brasil, iniciado em universidades no ano de 2007, e pretende induzir e fomentar a formação inicial e continuada de professores por meio da concessão de bolsas para estudantes das licenciaturas, articulando a universidade e a escola pública por meio do envolvimento de professores da rede pública de ensino que atuam como coformadores.

O projeto tratado neste trabalho é o PIBID/UEL II, do curso de Ciências Biológicas, no qual participaram 11 graduandos e 2 professores do ensino básico no ano de 2011. Explicitamos que o projeto envolvido na pesquisa é o PIBID/UEL II, pois existem 2 subprojetos na universidade, um iniciado em 2009 e este, alvo de nossas pesquisas, iniciado em 2011.

Dos graduandos participantes, 6 formavam um grupo que trabalhava em conjunto na mesma escola pública, e destes, apenas 4 puderam participar de entrevistas. O eixo principal da entrevista baseava-se nas atividades sobre Educação Sexual realizadas no PIBID.

A EDUCAÇÃO SEXUAL

O termo Educação Sexual utilizado nesta pesquisa é referente ao termo Orientação Sexual, utilizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) como aquele trabalho transversal, efetivo e permanente que a escola deve realizar quanto a assuntos relacionados à sexualidade. De acordo com Figueiró (1996), o termo Educação Sexual é mais adequado na medida em que abre espaço para que a pessoa que aprende seja considerada como sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos e/ou de orientações, como sugerem as outras terminologias: orientação, informação, instrução.

Apesar de a Educação Sexual ser reconhecida, pela maioria dos professores, como necessária e importante no processo formativo dos alunos, muitos deles preocupam-se e sentem-se, em vários momentos, inseguros e até temerosos, diante da responsabilidade em levar assuntos que remetem à sexualidade para o interior dos muros escolares (FIGUEIRÓ, 2009). Neste sentido, Figueiró (2009) explica que somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade e por isso, diante de determinadas situações, não sabemos como agir.

Leão, Ribeiro e Bedin (2010) mostram que existe a indagação de vários autores como Maia (2004), Nunes e Silva (2000) e Reis e Ribeiro (2002), sobre qual profissional deve desempenhar esta função – de educador sexual, tendo em vista que a formação continuada e a formação inicial não apresentam conteúdos direcionados à sexualidade.

«Especialistas têm afirmado que um dos grandes empecilhos para a implementação de programas de Educação Sexual nas escolas é o despreparo dos professores» (LEÃO, RIBEIRO e BEDIN, 2010, p.43). Guimarães (1992), Figueiró (2006) e Maia (2003) alegam que esse despreparo se deve à má-formação destes profissionais para trabalhar com a temática sexualidade e pela ausência de conhecimentos, interferindo diretamente na abordagem do tema com o aluno.

Considerando a necessidade de formar educadores sexuais e observando a real necessidade do contexto escolar em ter o tema posto no seu dia-a-dia, os bolsistas do PIBID/Biologia realizaram atividades referentes ao assunto durante um semestre no ano de 2011, com turmas do ensino fundamental, abrangendo um total de 100 alunos.

Desta maneira, o objetivo desta pesquisa foi investigar o que a realização de atividades sobre sexualidade significou para esses bolsistas.

A METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa com características qualitativas e, segundo Moraes (2003), as pesquisas desenvolvidas segundo essas evidências não buscam testar hipóteses, procuram compreender o fenômeno que investigam.

Para este movimento investigativo a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. A condução das entrevistas nos permitiu evidenciar as singularidades de cada entrevistado, retomando particularidades levantadas por cada um especificamente. Segundo Lüdke e André (1986), essa estrutura de entrevista se desenrola a partir de um esquema básico, não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.

A pergunta deflagradora foi: Como foi trabalhar com Educação Sexual no PIBID em 2011?

O processo interpretativo dos dados realizou-se segundo os procedimentos descritos na análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para uma organização inicial e na análise textual discursiva (MORAES, 2003) para a interpretação dos elementos obtidos.

ANÁLISE

O *corpus* desta pesquisa foi constituído segundo a regra da pertinência, na qual «os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise» (BARDIN, 2011, p.128). Portanto, assumem-se como nosso *corpus* investigativo as entrevistas transcritas.

Realizamos a interpretação a partir de unidades de análise, que denominamos de tópicos temáticos. Adotamos como uma das definições de tema aquela dada por Berelson, (1971,*apud* BARDIN, 2011, p.135): «Uma afirmação acerca de um assunto, quer dizer, uma frase, ou uma frase composta, habitualmente um resumo ou uma frase condensada por influência da qual pode ser afetado um vasto conjunto de formulações singulares».

A partir do texto da transcrição das entrevistas, as falas foram organizadas em tópicos temáticos, unindo as respostas que tratavam de um mesmo assunto. Emergiram então os seguintes tópicos temáticos:

- Como foi tratar o tema sexualidade.
- O que o trabalho com o tema sexualidade representou.

O tópico temático «Como foi tratar o tema sexualidade» está ligado àquelas falas que mostram algumas das atividades realizadas e como os bolsistas se sentiram frente à temática, aos novos alunos e à própria metodologia das atividades, trazendo, em algumas falas, reflexões sobre as estratégias utilizadas:

«A gente fez a dinâmica do semáforo [...] Só que a partir disso a gente viu que não dava pra continuar falando de coisas, tipo as doenças coisas assim, se eles não sabiam nem o que era óvulo e espermatozoide, porque que a mulher tem um e o homem outro. Daí a gente acabou dando aula sobre aparelho reprodutivo masculino e feminino [...]».[entrevistado 1]

A dinâmica do semáforo à qual ele se refere é uma atividade que permite ao professor conhecer as dúvidas dos alunos. Assim, a partir das dúvidas apresentadas pelos estudantes durante esta atividade, os bolsistas decidiram mudar o planejamento dos conteúdos a serem abordados. Trabalhar a temática sexualidade provocou reflexões sobre o conhecimento prévio dos alunos e o andamento das aulas. Esta reflexão sobre a ação resultou em uma mudança no planejamento das atividades.

Segundo Rosa-Silva (2008), diversos especialistas como Alarcão (2000), Dewey (1979), Freire (1996), GimenoSacrístán (2005), Imbernon (2001), Schön (1997,2000), Zeichner (1993) e Zeichner e Diniz-Pereira (2005), afirmam que a reflexão é dimensão importantíssima na prática educativa porque é um elemento estruturador da formação de professores.

«Olha, no começo eu achei difícil porque eu não tinha quase que nenhum contato assim né, com o tema. Mas a partir do momento que a gente foi desenvolvendo, conversando, discutindo, tendo feedback, rolou melhor.» [entrevistado 3]

«Inicialmente foi algo um tanto estranho porque particularmente não estou acostumado a falar disso com pessoas que não conheço. Estranho no sentido de não estar confortável [...] Os alunos ficavam acanhados inicialmente, mas depois eles adquiriam confiança para se abrir e tirar dúvidas com a gente.» [entrevistado 4]

Ao iniciarem o trabalho na escola os bolsistas tiveram impressões caracterizadas como «ruim», «estranho», «não confortável», pois estavam tratando de um tema permeado de crenças e preconceitos, não falado, não usual, sobre o qual não têm muito contato, tornando-se um desafio ainda maior ao enxergarem a necessidade de se adequar o conteúdo para alunos. Mas, apesar da dificuldade no tema, o entrevistado 2 menciona que no decorrer das atividades não houve problemas com o comportamento de estudantes ou na relação professor-aluno.

O segundo tópico temático, intitulado «O que o trabalho com o tema sexualidade representou», traz falas que mostram basicamente, segundo palavras dos entrevistados, o ‘aprendizado’ que tiveram realizando atividades com a temática sexualidade com alunos da escola pública. O entrevistado 1, por exemplo, coloca uma reflexão a respeito das próprias atitudes:

«[...] a gente falava pros alunos algumas coisas que eu parava pra pensar e falava nossa, eu devia tá falando isso pra mim!». [entrevistado 1]

Essa reflexão nos remete a Kawata, Nakaya e Figueiró (2010), quando mencionam que ao trabalhar com Educação Sexual é importante nos voltarmos para nós mesmos, por meio da autorreflexão, porque a sexualidade faz parte do que somos e impregna toda nossa vivência. As autoras ainda citam que «a grande maioria dos estudantes que entra na universidade chega sem ter tido oportunidades de olhar para dentro de si mesma e de repensar sua história de vida e, em especial, a história de sua Educação Sexual» (KAWATA, NAKAYA e FIGUEIRÓ, 2010, p.89). Para isto, quando tratamos da Educação Sexual, é necessário considerar um processo de reeducação sexual, tanto para os educandos quanto para os responsáveis pelo trabalho de educar.

Para o tópico temático 2, o entrevistado 3 menciona o aprendizado na prática:

«Eu acredito que eu aprendi bastante com isso [...] Aprendizagem na hora de tratar esse tema com adolescentes e crianças, que é algo que eu nunca teria, talvez até teria, mas teria que estudar bastante antes e ali foi um aprendizado mais prático né. Por exemplo, hoje eu teria como até lidar com qualquer criança sobre isso assim, eu teria coragem, teria cara pra isso». [entrevistado 3]

Os entrevistados puderam mostrar que trabalhar a temática sexualidade na escola foi, além de superar o desafio de uma experiência nova para todos os participantes, uma oportunidade de crescer profissional e pessoalmente. Figueiró (2006) já indicava que a formação do professor, quando direcionada para a Educação Sexual, contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional docente, e para melhoria na qualidade de ensino.

CONCLUSÕES

Trabalhar a Educação Sexual foi muito desafiador. Ao iniciarem o trabalho na escola as impressões que os bolsistas tiveram foram caracterizadas como «ruim», «estranho», «não confortável», pois estavam falando de um tema permeado de crenças e preconceitos, não usual, sobre o qual não têm muito contato e ainda tinham de enfrentar a própria inexperiência em tratar o assunto de maneira esclarecedora a alunos.

Apesar da dificuldade no tema, no decorrer das atividades, não houve problemas com o comportamento de alunos ou na relação professor-aluno; e na medida em que se estabeleceu maior contato com a temática sexualidade essa dificuldade inicial diminuiu.

As práticas provocavam reflexões sobre o que acontecia antes, durante e depois de suas realizações. E ainda, as atividades realizadas provocaram reflexões não só no âmbito escolar, como também a respeito de atitudes fora da escola.

Trabalhar a Educação Sexual na escola pública representou não só a superação de dificuldades com a temática na prática, como também colaborou para a própria formação dos futuros professores de Biologia.

Assim, trabalhar a Educação Sexual associada ao PIBID foi um projeto muito enriquecedor tanto para a escola participante quanto para os bolsistas. Enquanto a primeira resolveu uma necessidade, que era a urgência em se falar sobre sexualidade com os alunos, os licenciandos nos deram indícios de que aprenderam a lidar com a temática e com a sala de aula, desenvolvendo diferentes estratégias e começando a criar sua identidade profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BRASIL. (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. (2009). *Educação sexual*: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: EDUEL.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. (1996). Educação sexual: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. *Semina: Ci. Sociais/Humanas*, v.17, n.3, p. 286-293.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. (2006). *Formação de educadores sexuais*: adiar não é mais possível. Londrina: EDUEL.
- FRISON, L. M. B. (2002). Desafios da orientação sexual no contexto escolar. *Ciências e Letras*, n.32, p. 207-218.
- GUIMARÃES, C. R. P. (1992). *O descaso em relação à educação sexual na escola: Estudo de manifestações de futuras professoras de 1^a à 4^a série de 1º Grau*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- KAWATA, H. O.; NAKAYA, K. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. (2010). Reeducação sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. *Linhas*. v.11, n.1 Florianópolis: UFSC.
- LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M.; BEDIN, R. C. (2010). Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: Algumas reflexões sobre a formação de professores. *Linhas*, 11(1).
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. (1986). *Pesquisa em Educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.
- MAIA, A. C. B. (2003). *Sexualidade e deficiências no contexto escolar*. 2003. 667 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília.
- MORAES, R. (2003). Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, Bauru: Faculdade de Ciências, v.9, n.2, p.191-211.
- ROSA-SILVA, P. O. (2008). *Estudo das reflexões sobre a ação de uma professora de Ciências*: um caso de formação continuada. 185f. Dissertação de Mestrado. Londrina, UEL.